

## Grotowski: arte, espiritualidade e subjetividade

Tatiana Motta Lima

Professora da Graduação em Artes Cênicas e do PPGAC - UNIRIO

Professora adjunta – doutora em Teatro pelo PPGAC - UNIRIO

Atriz, Diretora

Resumo: Esta comunicação busca levantar algumas observações sobre o terreno do 'sagrado' ou do 'espiritual' na obra de Grotowski. Sem separá-lo do terreno da arte (e justamente por essa não separação), o 'sagrado' é apresentado como um lugar de tentação, de questionamento e de experimentação. Trata-se de um 'trabalho sobre si', onde novas subjetividades podem ser experimentadas.

Minha pesquisa atual chama-se "Teatro das Fontes, Objective Drama e arte como veículo<sup>1</sup>: investigação das noções de 'sagrado' no percurso artístico de Jerzy Grotowski entre os anos de 1975/ 76 e 1999". Na tese de doutorado, havia explorado o percurso de Grotowski entre 1959 e 1974 discutindo as noções de ator e de espectador que ali apareciam. É claro que a questão arte/ sagrado já estava presente nesse período e aparece, embora indiretamente, na tese. Por outro lado, será a partir das diversas ações do *Teatro das Fontes* – e do contato do grupo de trabalho com tradições da Índia, de Bengala, do Haiti, do México – que essa questão se tornará mais pungente. E, também, a pesquisadora talvez tenha se tornado um pouco mais madura para abordá-la. Nessa comunicação pretendo levantar primeiros apontamentos sobre a noção (ou noções) do sagrado no percurso artístico de Grotowski.

A questão do 'espiritual' ou do 'sagrado' perpassa toda a obra de Grotowski, com maior ou menor ênfase, de diferentes formas e abrangendo diferentes práticas. E falar dessas diferentes abordagens terminológicas e práticas é dizer que a noção de 'sagrado' foi inúmeras vezes reescrita no percurso artístico de Grotowski. Assim, a noção era 'provisória', muitas vezes 'corrigida' pelas experiências, se é possível falar desse modo. O texto "Teatro e Ritual"<sup>2</sup> é, nesse sentido, exemplar. Grotowski discutiu ali inúmeras noções/ práticas do sagrado experimentadas por ele e seu grupo entre os anos de 1959 e 1968, mostrando como a abordagem prática e teórica do termo 'ritual' foi se modificando. Aliás, uma das marcas do percurso de Grotowski é a sua capacidade de crítica e de autocrítica e o terreno do 'sagrado' não ficou de fora desse olhar que buscava fugir permanentemente da 'auto-ilusão'.

---

<sup>1</sup> Grotowski, no texto "Da Companhia Teatral à arte como veículo" dividiu seu trabalho em quatro fases distintas: o *teatro dos espetáculos*, o *parateatro*, o *Teatro das Fontes* e a *arte como veículo*. No livro *The Grotowski Sourcebook* (1997), a divisão é diferente já que o *parateatro* e o *Teatro das Fontes* são apresentados juntos, e acrescenta-se a fase do *Objective Drama*, período entre 1983 e 1985, no qual Grotowski trabalhou na Universidade da Califórnia, Irvine.

<sup>2</sup> Conferência de 18 de outubro de 1968. Primeira publicação "Le théâtre d'aujourd'hui à la recherche du rite" na revista "France-Pologne" n. 28-29, 1968. In FLASZEN, Ludwik e POLLASTRELLI, Carla (org.), 2007.

Minha hipótese provisória é de que nos textos de Grotowski, o 'sagrado' aparece enquanto tentação, enquanto questão e enquanto experiência. Pois, se é verdade, como disse Flaszen, que a terminologia de Grotowski se construiu entre o artesanato e a metafísica com termos como *ator santo*, *prece carnal* e *ato total*, também é verdade que o tema nunca é abordado diretamente. Os campos do artístico e do espiritual estão em permanente deslizamento de modo que é impossível compreender a pesquisa de Grotowski atendo-se apenas a um desses campos. É justamente na arte que Grotowski vai encontrar a possibilidade de ser um 'investigador espiritual', pois o terreno da arte permaneceria como um espaço de pesquisa não submetido a correntes religiosas ou de fé. A noção de 'trabalho sobre si', que Grotowski pegou emprestado de Stanislavski, é uma das que ajuda a manter esse deslizamento arte/ sagrado em ação sem obrigar o pesquisador a optar por um dos terrenos. Essa noção revela também o grau de 'investigação' e de não dogmatismo com que Grotowski abordou o terreno do 'espiritual'.

Em muitos de seus textos e declarações há um paradoxo com que é preciso deparar-se e que diz respeito ao que ele chama de uma 'luta contra Deus por Deus'. Não se tratava em Grotowski, para usar expressões de Bergson, do 'religioso', mas do 'místico'. Na 'religião estática', trata-se, para falar de maneira muito geral, de coesão social; já na religião dinâmica (místico) trata-se de um Deus experienciável. De certa maneira, toda pesquisa de Grotowski é herética, blasfematória, já que investigava aquilo que não seria, a princípio, terreno de investigação, mas de conversão.

Nas notas de produção do espetáculo 'Fausto', por exemplo, esclarece-se que aquilo de que cuida um santo é da alma, "ou para usar uma expressão moderna, do seu autoconhecimento" (Barba,1965:20). E, portanto, Fausto não podia interessar-se por "ciências restritas e limitadas como a filosofia e a teologia: deve rejeitar toda ciência desse tipo e endereçar sua busca para outro lugar" (Barba, 1965:21). Temos, então, um santo como aquele homem que, preocupado com sua alma (autoconhecimento), busca a verdade rebelando-se contra Deus e suas leis. Ele renega também os conhecimentos acumulados nas ciências que, poderíamos dizer, tomaram a questão da alma para si e parte a procura de outro lugar. Uma pergunta de Grotowski registrada em um filme do período e feita em tom de blague revela exatamente esse ponto. Após afirmar que o problema principal de seu teatro tinha se tornado a *vida interior* do homem, ele completava: "Nós colocamos os espectadores diante da seguinte questão: Se Deus existe, então, ele cuida da nossa vida espiritual, mas, e se ele não existe?"<sup>3</sup> A vida espiritual do homem, sua alma, o conhecimento que pode ter de si mesmo é, para Grotowski, '*affair*' do próprio homem.

---

<sup>3</sup> Citação retirada do filme "A Postcard from Opole", de 1963.

No texto “Le Performer”, de 1987, Grotowski comparou o Performer a Don Juan descrito por Nietzsche e explicou: “mesmo que ele não seja maldito pelos outros, ele se sente diferente como um outsider”. Grotowski falou também dos *vratias* que seriam, na tradição hindu, hordas rebeldes, homens em busca do conhecimento. Em outros momentos de sua obra, como no ‘ator santo’ por exemplo, a comparação se faz com o personagem Fausto que Grotowski diz representar “o santo contra Deus”. Também o Cristo de Grotowski – que aparece direta ou indiretamente em vários de seus espetáculos - é um ‘marginal’, um ‘rebelde’, ou um ‘louco de Deus’. Na verdade, toda ‘crença’, toda questão de ‘fé’ poderia, para Grotowski, produzir um afastamento do ‘sagrado’, pois que estaria vinculada não à busca pelo desconhecido, mas à ilusão, ao apaziguamento das inquietudes, à imaginação supersticiosa. Esse sagrado, que expulsa toda investigação e apazigua toda a inquietude, era o sagrado revelado em “O Grande Inquisidor” de Dostoiévski (texto que Grotowski usa em *Apocalypsis cum Figuris*),. Um ‘religioso’ – representado pelo Inquisidor – que critica Jesus por ter dado aos homens um fardo tão grande quanto o livre-arbítrio.

Um outro ponto que demonstra a especificidade da investigação aparece quando temos acesso a depoimentos ou entrevistamos ex-colaboradores de Grotowski sobre essa questão. Alguns de seus ex-colaboradores colocam a questão do ‘sagrado’ como parte intrínseca do trabalho e outros negam fortemente esse *approche* ou relativizam-no. Isso parece confirmar que Grotowski não fazia proselitismo nem militância religiosa, não havia um credo a seguir e nem ele se apresentava como alguém em busca do ‘sagrado’ ou do ‘divino’ ou do ‘mistério’ (ou capaz de conduzir quem quer que fosse àquela experiência).

Também a utilização – paradoxal como em *ritual leigo* - dos termos ‘laico’, ‘leigo’ e ‘descrente’ nos textos de Grotowski parece apontar para uma dessacralização do ‘sagrado’ (aceitando o paradoxo), no sentido de que o ‘sagrado’ precisava ser novamente reenviado à utilização dos homens e retirado da vigilância e da guarda das instituições que o tinham apreendido.

Grotowski também revelou que utilizava os termos ‘laico’ ou ‘leigo’ tanto por uma necessidade estratégica, para acalmar o Estado (laico) e a Igreja polonesa, quanto para permitir o trabalho com colaboradores descendentes de diversas tradições religiosas ou ateus. Deus não era objeto de crença, mas de experiência (experiência que não precisava, necessariamente, ganhar o ‘nome’ Deus, ou sagrado):

Eu trabalhava e trabalho ainda com pessoas de horizontes filosóficos e religiosos muito diferentes; o que eu fazia devia ser ao mesmo tempo compreensível a todos e ao mesmo tempo não reduzido a uma única visão daquilo que existe. É também por isso que evito a palavra ‘espiritual’ e falo em ‘energia’: isso não pertence a igreja alguma, a seita alguma, a ideologia alguma. É um fenômeno que todos podem experimentar (GROTOWSKI, 1996 [1995]).

Por outro lado, nas investigações de Grotowski, estamos muito longe de uma espiritualidade 'nova era' ou dos livros de 'auto ajuda'. Esse afastamento se verifica pelo rigor de Grotowski na maneira de investigar, nas práticas realizadas (fuga dos sincretismos) e na permanente crítica às quais elas foram submetidas. Além disso, as práticas/abordagens de Grotowski não apontam para uma espécie de individualismo espiritual – o homem-deus – como parece ser o caso dos cultos californianos. O sagrado em Grotowski, ao contrário, desestabiliza – esgarça, amplia, faz ceder – determinada noção mais estável de sujeito. No 'trabalho sobre si' é o próprio 'si', a percepção do que é (está) 'si', que é colocado em questão. É um processo de luta, de 'práticas de liberdade', de não assujeitamento, que está em jogo.

Podemos fazer uma analogia aqui com a noção de 'inquietude de si' com a qual Foucault trabalhou nos anos 1980 e que relacionava os jogos de verdade não mais a práticas coercitivas (como no caso da psiquiatria e do sistema judiciário), mas a práticas de autoformação do sujeito. Uma citação de Frédéric Gros na introdução ao livro "Hermenêutica do Sujeito", pode ajudar a compreender esse lugar voltado sobre si e, ao mesmo tempo, dinâmico que estava em jogo no 'trabalho sobre si'. Dizia Frédéric Gros: "Mais do que uma busca narcísica, fascinada e arrebatada por uma verdade perdida do eu, *a inquietude de si designa uma tensão vigilante de um eu que procura sobretudo não perder o controle de suas representações*" (Gros,2001:504. itálico meu)

Normalmente, entendemos o 'sagrado', porque o vemos a partir das instituições religiosas e de seus jogos de poder/ saber, como ligado a processos importantes de assujeitamento. Grotowski, ao contrário, sem perder de vista os jogos de poder intrínsecos a quaisquer relações, parece entender o terreno 'sagrado' ou 'místico' como um campo onde, ao contrário, pode operar essa 'tensão vigilante', essa 'inquietude' (e não um qualquer apaziguamento ou auto-valorização) de si. Isso se faz, portanto, em luta contra verdades que nos constituem e, assim, é, em certo sentido, através de uma via herética ou apócrifa que o sujeito olha para – trabalha sobre - si mesmo.

A noção de sagrado se confunde, em Grotowski, com uma determinada noção de homem, um homem 'outro' que na última versão do texto "Holiday", de 1997, era designado pela palavra polonesa "czlowiek" que aparecia entre parênteses depois da palavra 'man'. De que homem se trata? E de que sagrado?

Cito Grotowski em texto de 1969:

Um dia um pagão perguntou a Teófilo de Antioquia: 'Mostra-me o teu Deus', e ele respondeu: 'Mostra-me o teu homem e eu te mostrarei o meu Deus'. Examinemos agora só a primeira parte dessa frase: "o teu homem". Essa é uma terminologia que vai além das concepções religiosas. (...) Mostra-me o teu homem é ao mesmo tempo tu – 'o teu homem' – e não tu, não-tu como imagem, como máscara para os outros. É o tu-irrepetível,

individual, tu na totalidade da sua natureza: tu carnal, tu nu. E, ao mesmo tempo, é o tu que encarna todos os outros, todos os seres, toda a história (GROTOWSKI, 2007[1969]:176).

No paradoxo entre o 'tu' e o 'não tu', entre a singularidade 'irrepetível', carnal e ao mesmo tempo atravessada por todas as outras, relacionada aos outros, à vida, aparece também uma das possíveis imagens do sagrado em Grotowski.

No "Teatro das Fontes", Grotowski falava de dois muros que oprimiriam o ser humano: o muro colocado às percepções, aos sentidos humanos – incapazes de perceber outra coisa senão aquilo a que já estavam acostumados - e o muro colocado às forças, às energias que habitam natureza e homens e das quais estaríamos afastados. Grotowski, depois de separá-los didaticamente, dizia tratar-se de um só e mesmo muro. Poderíamos dizer que, também aqui, aparecem o 'tu' e o 'não tu', a singularidade nos/ pelos atravessamentos.

Assim, em Grotowski, o 'sagrado' não está resolvido a priori, ele necessita ser investigado, ele é entendido como uma série de perguntas que pode gerar inúmeras experiências e novas questões. Ele é, para sempre, o terreno do desconhecido que, não aceito como 'resolvido' pela assunção de dogmas ou pela fé em qualquer religião, transformou-se, através e em profunda colaboração com o campo da arte, em 'tentação' para Grotowski.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. 1965 - *Alla Ricerca del Teatro Perduto. Una proposta dell'avanguardia polacca*. Veneza: Marcilio Editori.

BERGSON, Henri. 1978 – *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GROS, Frédéric. 2001 – "Situation del curso" In: *FOUCAULT, Michel. La Hermenéutica del sujeto*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p.479-516.

GROTOWSKI, Jerzy. 1988 [1987] - "Le Performer". In: *Workcenter of Jerzy Grotowski*. Brochura em inglês, italiano e francês do *Workcenter*.

\_\_\_\_\_. 1996[1995] – "O que restará depois de mim" In: *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*. Brochura distribuída no evento homônimo produzido pelo SESC-SP em setembro/outubro de 1996.

\_\_\_\_\_. 2007 [out,1968] – "Teatro e Ritual". In: FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (org.). *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969*. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições SESCSP/Perspectiva,p.119-136.

\_\_\_\_\_. 2007 [1969] – "Exercícios". In: FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (org.). *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969*. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições SESCSP/Perspectiva,p.163-180.

\_\_\_\_\_. 2007 [1989/1990] – “Da Companhia Teatral à Arte como Veículo”. In: FLASZEN, Ludwik & POLLASTRELLI, Carla (org.). *O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski 1959-1969*. São Paulo: Fondazione Pontedera Teatro/Edições SESCSP/Perspectiva, p.226-243.